

---

## **Fragmentos de uma semiologia da circulação<sup>1</sup>**

Giovandro Marcus FERREIRA<sup>2</sup>

Cássio Santos SANTANA<sup>3</sup>

Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA

### **RESUMO**

Propomo-nos, neste artigo, pensar aspectos de uma semiologia da circulação nos seus diferentes momentos nas últimas de décadas. Para definir caminhos possíveis, pretendemos fazer um resgate da passagem do signo binário para o signo triádico, a partir das contribuições de Eliseo Verón, evidenciando o advento do conceito de discurso e da proeminência, com o signo peirceano, da materialidade do sentido, tendo em vista a perspectiva de uma semiose histórica e social. Avançaremos nos diferentes momentos da circulação, passando pelas semiologias da primeira, segunda e terceira geração até os processos de mediatização da cultura e da sociedade, com a algoritmização do cotidiano e a revolução do acesso tendo esses como elementos importantes na produção e circulação do sentido na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Circulação; Discurso; Semiologia; Mediatização.

Na anos 80, o semiólogo franco-argentino Eliseo Verón (1993) formulou o que ele chamou de teoria dos discursos sociais. Situado, naquele momento, em um entroncamento entre a Semiologia e a Linguística, Verón defendia que a noção de discurso abria uma possibilidade de reformulação conceitual do que vinha sendo produzido no campo desde a publicação seminal do Curso de Linguística Geral, do linguista suíço Ferdinand de Saussure. Para Verón, a proposta saussuriana era incapaz de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor titular da Faculdade de Comunicação da UFBA. Email: [giovandro.ferreira@gmail.com](mailto:giovandro.ferreira@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA. Email: [cassiosantana@gmail.com](mailto:cassiosantana@gmail.com)

---

avançar naquilo que ele julgava ser o objeto primordial da semiologia: a produção social do sentido. Tornava-se necessário, então, conforme entendimento do semiólogo franco-argentino, superar a proposta do signo binário de Ferdinand de Saussure - a quem Verón (1980) acusava de negligenciar um terceiro termo (*tercer término*) indispensável à compreensão do processo de produção social de sentido.

O signo binário é incapaz de compreender a produção social do sentido na medida em que prioriza análises individuais, encerrada nos textos. Com o signo binário de Saussure, há uma expulsão da materialidade do sentido a partir da separação entre língua e fala: “[...] o aspecto material é expulso da linguística porque diz respeito sempre e somente à ordem do individual, do particular e, em consequência, do acessório” (Verón, 1993, p.112). Voltada, sobretudo, ao texto, a Linguística, de onde nasce a Semiologia, é duramente criticada por Verón, que, com outros estudiosos na França, propõe um deslocamento do objeto de estudo da semiologia.

Predominava, à época, o que se caracterizou como a primeira semiologia, que tinha como proposta de análise uma perspectiva caracterizada pelos estudos estruturalistas (Ferreira, 2006), o que se convencionou chamar de imanentista: dava-se uma análise de um determinado texto sem ultrapassar seus limites, portanto, sem avanços no que concerne a aspectos extratextuais, sem o que o social e, por consequência, a produção social de sentido não tem lugar. A passagem do significado à imagem acústica, proposta por Ferdinand de Saussure, desenvolve-se à margem dos problemas levantados pela materialidade do sentido. “Considerando a escritura como parasitária da oralidade, a linguística durante muito tempo não fez outra coisa senão trabalhar com a escritura.” (Verón, 1993, p.117).

A semiologia de segunda geração, por outro lado, surge com a perspectiva de superar a análise interna, quer dizer, do texto encerrado em si mesmo. Tem-se, então, o estudo da produção do sentido, influenciado pelas gramáticas gerativas, que, a partir de um texto, se propunha a reconstituir o processo de criação do sentido a partir das condições de produção do texto (VERÓN, 2005). Percebe-se, contudo, avanços e, ao mesmo tempo, também limitações teórica-metodológicas desta segunda fase, tendo em vista, outros aspectos fundamentais da produção de sentido que foram, segundo o próprio Eliseo Verón, negligenciados, como a noção de código<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Veja Verón, E. Fundações. IN: A produção do sentido.

---

Com vista à proposta de rever os dois primeiros momentos da semiologia, Verón (2005) vai também contribuir para uma semiologia da terceira geração, buscando que ela fosse “capaz de integrar em sua teoria os ‘efeitos de sentido’” (Verón, 2005, p. 215), e não considerasse os textos como lugares de sentido únicos, mas que levasse em conta também as articulações com aspectos extratextuais em sua proposta analítica, conceituados como instâncias das condições de produção e das condições de reconhecimento do discurso. Uma semiologia capaz de compreender o discurso como um ponto de passagem do sentido (Verón, 2005, p. 216), como um “fragmento de um tecido” no interior de uma semiose - tida como social, infinita e histórica.

Verón busca nos trabalhos dos lógicos Charles Sanders Peirce e Friedrich Frege, sobretudo no primeiro, as bases de sustentação para seu pensamento com vista a superar a herança saussuriana no interior da semiologia. De fato, o signo triádico peirceano ou ternário foi o suporte teórico-metodológico usado por Verón (1980) para se opor à visão dicotômica do signo saussuriano. É na noção de semiose social que Verón irá estabelecer a base do seu pensamento a respeito da natureza social do sentido, que tem como fundamento o signo triádico peirceano. “Por semiose entendo uma ação ou influência que é, ou implica, a cooperação de três sujeitos, a saber o signo, seu objeto e seu interpretante, relação ternária que não pode de modo algum resolver-se em ações entre pares.” (Peirce, 2017, p.29).

Para Verón, é na semiose que a realidade social é construída. A teoria do discursos sociais proposta por ele não é senão um conjunto de hipóteses sobre os modos de funcionamento da semiose social: I) Toda produção de sentido é necessariamente social: não se pode descrever nem explicar satisfatoriamente um processo significativo sem explicar suas condições sociais produtivas; II) Todo fenômeno social é, em uma de suas dimensões constitutivas, um processo de produção de sentido, qualquer que seja o nível de análise. Portanto, de acordo com o pensamento de Verón, “apenas no nível da discursividade o sentido manifesta suas determinações sociais e os fenômenos sociais revelam sua dimensão significativa” (Verón, 1980, p.114).

Tomar, portanto, um texto (material verbal e não-verbal) como discurso implica tê-lo em relação com outros discursos, em avanços extratextuais, uma vez inserido na malha do social, isto é, da semiose social, do processo contínuo de produção de sentido e

de remissão a essa rede enquanto história. O processo de produção de um discurso tem sempre a forma de operações discursivas, operações nas quais matérias significantes são investidas de sentido (Verón, 1980). Por meio das operações discursivas, rastros são deixados na superfície textual, marcas do processo de produção social dos discursos, que podem ser identificados desde de metodologias previamente estabelecidas pelo próprio Veron, em sua longa e profícua carreira acadêmica e profissional.

Uma prática social, qualquer que seja ela, está relacionada a processos de significação. Ao mesmo tempo, toda produção de sentido depende do social, de modo que é impossível conceber qualquer fenômeno de sentido à margem do trabalho significativo de uma cultura e de uma sociedade determinada. Como Verón (2004) sublinhou, não se pode descrever nem explicar satisfatoriamente um processo significativo sem explicar suas condições sociais produtivas. Trata-se de ter qualquer fenômeno social como investido de sentido. E, como Verón também pontuou, do ponto de vista da análise do sentido, o ponto de partida não pode ser senão o sentido produzido.

### **Bibliografia**

FAUSTO NETO. A circulação além das bordas. *In: Mediatization, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina*. Rosário: Universidade Nacional de Rosário, 2010a. p. 02–17.

\_\_\_\_\_. As bordas da circulação. *Alceu*, v. 10, n. 20, p. 55–69, 2010b.

FERREIRA, G. M. Uma proposta metodológica para o estudo da imprensa a partir das mutações na problemática da análise do discurso. *Eptic* (UFS), 2006.

FERREIRA, G. M.; MOURA, C. V. M. Notas sobre regimes de circulação nas redes digitais. *In: Circulação discursiva e transformação da sociedade*. Campina Grande, PB: Eduepb, 2018. p. 1–20.

PEIRCE, C. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2017

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

VERÓN, Eliseo, *La semiosis social, 2 – ideas, momentos, interpretantes*, Buenos Aires, Paidós, 2013.

\_\_\_\_\_. *La Semiosis Social*. 1ed. Barcelona: Gedisa, 1993

\_\_\_\_\_. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix, 1980.

\_\_\_\_\_. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo, RS : Ed. UNISINOS, 2005